

CONSIDERAÇÕES ELEMENTARES DA METODOLOGIA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO EM PESQUISA QUALITATIVA NO ÂMBITO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Daniele Cristina Bahniuk Mendes¹

Resumo: O primeiro contato do pesquisador com a metodologia da análise de conteúdo deve revelar suas origens, importância de seu uso em pesquisas qualitativas, o percurso metodológico traçado e as técnicas para sua aplicação. As próximas páginas buscam fazer essa introdução ao leitor acerca da análise de conteúdo e pretendem situá-lo, para que possa considerar essa metodologia quando da elaboração de sua pesquisa. Trata-se de um conjunto de técnicas para análise de conteúdo de mensagens, da qual surgem inferências, permitindo relacionar os dados da mensagem a outros dados, lastreados em uma base teórica. Essa metodologia confere papel de destaque ao sujeito autor da mensagem, uma vez que toda análise de conteúdo deve ser contextualizada. Tem por finalidade, dentro de uma pesquisa qualitativa, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais do tema que se quer investigar. O percurso metodológico se dá pela categorização, inferência e interpretação. Existem diversas técnicas de análise de conteúdo, cabendo ao pesquisador utilizar-se daquela que melhor atenda aos interesses da pesquisa. Para este artigo utilizou-se da pesquisa qualitativa, a qual serve para cruzar as diferentes fontes e dar significado ao pesquisado em Ciências Sociais. Ainda, o estudo, de cunho exploratório, foi realizado por pesquisa bibliográfica, considerando que o conhecimento sobre o social é relativo a uma certa perspectiva, orientada por concepção de mundo do pesquisador em um momento histórico determinado, que no caso é o início do século XXI.

Palavras-chave: análise; conteúdo; metodologia; qualitativa; inferências.

ELEMENTARY CONSIDERATIONS OF THE METHODOLOGY OF CONTENT ANALYSIS IN QUALITATIVE RESEARCH IN THE FIELD OF SOCIAL SCIENCES

Abstract: The researcher's first contact with the content analysis methodology should reveal its origins, the importance of its use in qualitative research, the methodological trajectory traced and the techniques for its application. The next pages seek to introduce the reader to the content analysis and intend to situate it, so that you can consider this methodology when preparing your research. It is a set of techniques for analyzing message content, from which inferences arise, allowing to relate the data of the message to other data, backed by a theoretical basis. This methodology confers a prominent role to the author of the message, since all analysis of content must be contextualized. Its purpose is, within a qualitative research, the exploration of the set of opinions and social representations of the subject to be investigated. The methodological course is given by categorization, inference and interpretation. There are several techniques of content analysis, it is up to the researcher to use the one that best meets the interests of the research. For this article we used qualitative research, which serves to cross the different sources and give meaning to the researched in Social Sciences. Still, the exploratory study was carried out by bibliographical research, considering that knowledge about the social is relative to a certain perspective, guided by the worldview of the researcher in a determined historical moment, which in this case is the beginning of the century XXI

Keywords: analysis; content; methodology; qualitative; inferences

¹ Graduada em Direito. Mestranda do Programa de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Email: dcbahniuk@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Análise de Conteúdo consiste em várias técnicas que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados. Como dito, esta metodologia de pesquisa possui diferentes técnicas que podem ser abordadas pelos pesquisadores. Isto dependerá da vertente teórica seguida pelo sujeito que a aplicará.

No presente estudo, pretende-se abordar a análise de conteúdo na ótica da pesquisa qualitativa em ciências sociais, trazendo a lume a visão de alguns autores sobre o tema. Assim, um singelo resgate histórico torna-se prudente, para situar o leitor sobre suas origens e de que forma chegou ao modelo dos dias atuais. Em seguida, passar-se-á as características, a importância em um estudo qualitativo e finalmente às classificações das técnicas.

A principal obra que baseia este estudo é da professora francesa Laurence Bardin, a qual escreveu um manual claro e operacional intitulado "Análise de Conteúdo", publicado em 1977, em que revela, a minúcia, esse método de investigação.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Breve resgate histórico

A hermenêutica, arte de interpretar os textos, é uma prática muito antiga. As primeiras interpretações eram de textos bíblicos, querendo entender as mensagens divinas. Por detrás de um discurso, símbolos ou mensagens, muitas vezes há um sentido que convém desvendar. Assim, a preocupação com a análise do conteúdo das mensagens é muito mais antiga que sua reflexão quanto aos pressupostos epistemológicos, teóricos ou procedimentais (FRANCO, 2008).

A análise de conteúdo, enquanto metodologia, tem seu berço nos Estados Unidos, impulsionado pelas consequências das duas grandes guerras mundiais. O governo americano convidou analistas de Departamentos de Ciências Políticas a desmascararem os jornais suspeitos de propaganda subversiva (principalmente

nazista). Assim, o início da análise de conteúdo ficou marcado pela análise da imprensa e de propaganda, sendo que o autor expoente que ilustra a história é Lasswell.

Em termos científicos, essa metodologia passou a ser estudada nos anos 40 do século passado, em solo americano. Naquela época predominava o behaviorismo, que preconizava com rigor e cientificidade, a descrição de comportamentos (GOMES, 2008). Os autores Berelson e Lazarsfeld definiram as regras de análise de conteúdo, de cunho eminentemente positivista, quando disseram que é uma técnica de investigação, com a finalidade descritiva, sistemática e quantitativa do conteúdo da comunicação (BARDIN, 1977). É notório o esforço que se fazia para encaixar as ciências sociais nos mesmos modelos das ciências da natureza, com a observação neutra e objetiva e desligada dos fenômenos.

Por conta disso, a análise de conteúdo chegou até os anos 70 com esse viés positivista e passou a ser sistematicamente rejeitada, por parte da maioria dos pesquisadores, os quais enxergavam como regras mortas, que consumiam tempo e no final apresentavam um produto fragmentado, mediante a quantificação inútil de um discurso carente de significação social. (FRANCO, 2008).

Quaisquer que sejam os progressos posteriores a Lasswell, Berelson e Lazarsfeld, não se pode negar que seus critérios marcam a preocupação em trabalhar com amostras agrupadas de maneira sistemática. Isso é formidável como prática de uma metodologia nascente. Com o passar dos anos, em especial depois dos problemas da inviabilidade de precisão dos trabalhos da 'Psicolinguística', o facilitado acesso aos computadores, os estudos quanto à comunicação não-verbal, a análise de conteúdo torna-se menos rígida, e aceita-se mais favoravelmente seu alcance descritivo, com função de inferência. (BARDIN, 1977)

Esse contexto histórico indica a importância de abordar a análise de conteúdo na perspectiva da pesquisa qualitativa, em ciências sociais, uma vez que ela serve para cruzar as diferentes fontes e dar significado. Ao contrário da pesquisa quantitativa, que serve para medir o objeto já conhecido, na pesquisa qualitativa, o uso de suas técnicas é mais adequado para exploração dos objetos pesquisados.

Os dados brutos nada dizem se não forem contemplados a um corpo teórico preexistente (DESLANDES, 1994).

Mesmo diante da relevância de seu objeto de estudo, fica como se fosse uma obrigação perguntar pelo estatuto de sua cientificidade. Ora, as ciências sociais falam sobre os interesses da sociedade, sobre a comunidade da qual pertencem, do sentido de identidade e os fins que podem ou não serem alcançado, sempre relacionando as pessoas no contexto da sociedade e cultura (MALDONADO, 2014).

2.2 Conceito e Aplicação

Depois da metade do século passado, alguns pesquisadores começaram a questionar as várias pesquisas quantitativas, as quais não haviam dado conta de resolver os problemas apresentados. Olhar para o objeto apenas pela lógica quantitativa era insuficiente, uma vez que as pesquisas estatísticas revelam apenas parcialmente a realidade social. Sistematizada a história da análise de conteúdo, tem-se a seguinte conceituação a essa metodologia:

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Por meio dessa definição, datada dos anos 70, visualiza-se os seguintes avanços, quando comparados com a definição dada por Berelson e Lazarsfeld, dos anos 40, quais sejam: a) existência de mais de uma técnica para analisar o conteúdo, quando a autora se refere a em %conjunto de técnicas+; b) a possibilidade de analisar conteúdo a partir da perspectiva qualitativa, indicada pela expressão %ou não+ dentro dos parênteses e c) uso de inferências que partem da descrição dos conteúdos explícitos para dimensões além da mensagem (GOMES, 2008).

Com isso, a análise de conteúdo passou a ser utilizada para produzir inferências acerca de dados, verbais ou simbólicos, obtidos a partir de observações de um determinado pesquisador. Houve um crescente uso desta metodologia pela

comunidade científica, principalmente para tratar de questões de ordem teórica e metodológica.

Aumentou-se o leque de problemas que podiam ser analisados por este prisma, especialmente aqueles relativos aos efeitos da comunicação, das mensagens e dos discursos. Também usada para testar hipóteses em oposição a pesquisas meramente descritivas (FRANCO, 2008).

O autor Romeu Gomes (2008) dá três exemplos de aplicação da análise de conteúdo, são eles: analisar obras de romancista para identificar seu estilo ou descrever sua personalidade, analisar depoimento de telespectadores que assistem a um programa para determinar os efeitos da comunicação em massa e analisar livros didáticos para descobrir a ideologia subjacente. Extrai-se que o uso desta metodologia é incontável, podendo servir de base às diversas áreas das ciências.

2.3. Ponto de Partida e Características das mensagens

O ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. As mensagens expressam as representações sociais, elaboradas mentalmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Visualiza-se que é reconhecido o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento. Por conseguinte, torna-se indispensável considerar que a emissão de mensagens está umbilicalmente vinculada ao contexto de seus autores.

[...] condições contextuais que envolvem a evolução histórica da humanidade; as situações socioeconômicas e socioculturais nas quais os emissores estão inseridos, o acesso aos códigos linguísticos, o grau de competência para saber decodificá-los o que resulta em expressões verbais (ou mensagem) carregadas de componentes cognitivos, subjetivos, afetivos, valorativos e historicamente mutáveis. (FRANCO, 2008, p. 12).

Confirmada a importância do sujeito na pesquisa, viável saber a distinção entre significado e sentido. O *significado* é de cunho objetivo, compreende-se a partir das suas características definidoras com seu corpo de significação. Por sua vez, o *sentido* implica a atribuição de um significado pessoal ao objeto, pautada por

práticas sociais subjetivas, valorativas, emocionais, necessariamente contextualizadas.

Frise-se que a contextualização deve ser considerada como um dos principais requisitos para a perfeita aplicação da análise de conteúdo. Ademais, outro requisito indispensável é que essa metodologia requer que as descobertas tenham relevância teórica. Uma informação meramente descritiva, sem estar relacionada a outras características do emissor, é de pequeno valor. Portanto, um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado, a outro dado, sendo que o liame entre eles se fixa por uma base teórica (FRANCO, 2008).

A análise de conteúdo tem a mensagem como ponto de partida. Com base nesta é que se responde a clássica formulação: quem diz o que, a quem, com que efeito, por quê? +, e assim por diante. A análise de conteúdo permite ao pesquisador fazer inferências sobre qualquer um dos elementos de comunicação, quais sejam: a fonte de emissão, o processo codificador que resulta em uma mensagem utilizada de um canal de transmissão a um receptor da mensagem e seu respectivo processo decodificador (FRANCO, 2008).

Caso o pesquisador não tenha conhecimento sobre o contexto do material a ser analisado e não formular as perguntas baseadas em estudos prévios sobre o assunto, dificilmente conseguirá fazer inferências de seus achados de pesquisa. A análise de conteúdo exige do pesquisador uma maior bagagem teórica (GOMES, 2008).

Esmiuçando a mensagem nas indagações quem e por quem já se obtém três informações, do ponto de vista do autor: a) toda mensagem carrega informações sobre seu autor, como filiações teóricas, concepções de mundo, interesses de classes e outros; b) o autor da mensagem é antes de tudo um selecionador e essa seleção é preconcebida, condicionada pelos interesses de sua época ou da classe que pertence e c) a filiação teórica do autor. Todavia, se o objetivo é saber as causas e efeitos das mensagens, está-se direcionando o estudo do ponto de vista do receptor. No âmbito da pesquisa qualitativa, o ideal é conjugar as percepções de autor e receptor (FRANCO, 2008)

2.4. Finalidade da Análise de Conteúdo

A finalidade da análise e interpretação dentro de uma pesquisa qualitativa é a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais do tema que se quer investigar. Não se quer saber de opiniões isoladas. Por isso, que as mensagens devem estar ligadas a outros dados, sob pena de ser uma mensagem puramente descritiva.

Neste ponto, vale a pena checar a diferença de conceitos entre descrição, análise e interpretação. A *descrição* é enumeração detalhada da aparência exterior de algo ou de alguém. A *análise* compreende o exame detalhado de cada parte que compõe um todo, buscando compreender tudo aquilo que o caracteriza. Por sua vez, a *interpretação* busca o sentido das mensagens para se chegar a uma compreensão ou explicação.

É prudente alertar que a essas três ações: descrever, analisar e interpretar, ocorrem ao longo de todo o processo de pesquisa, e muitas vezes é preciso voltar às fases anteriores. A análise e interpretação é o momento em que o pesquisador procura finalizar o seu trabalho, ancorando-se em todo o material coletado e articulando esse material aos propósitos da pesquisa e sua fundamentação teórica. Ressalte-se que não existem fronteiras entre coleta de dados, início do processo e análise e interpretação (GOMES, 2008).

2.5. Procedimentos metodológicos: categorização, inferência e interpretação

O conteúdo de uma mensagem é tão rico que permite infinitas interpretações, mas é apenas o ponto de partida. Desta forma, imperioso que os resultados da análise de conteúdo reflitam os objetivos da pesquisa, devidamente contextualizados. Para tanto, necessário fazer um percurso metodológico com foco nos propósitos da pesquisa, do objeto, do material disponível e da perspectiva teórica adotada (GOMES, 2008).

O percurso desta metodologia pode ser explicitado como: categorização, inferência e interpretação. *Categorização* visa objetivar a análise. É importante que

as categorias (ou classes) sejam homogêneas, obtidas a partir dos mesmos princípios utilizados para toda a categorização.

[...] operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação, e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classe, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 1977, p. 117).

Um conjunto de boas categorias devem possuir as seguintes qualidades: exclusão mútua, serem exclusivas (não pode ser classificado em mais de uma categoria), homogeneidade (um único princípio de classificação deve governar a sua organização), pertinência (adaptadas ao material de análise escolhido e ao quadro teórico definido), fidelidade (as diferentes partes de um mesmo material devem ser reproduzidas da mesma maneira), produtividade (quando fornece resultados férteis) (BARDIN, 1977).

A *inferência* ocorre pela dedução lógica do conteúdo que está sendo analisado. Necessário partir de premissas já aceitas a partir de outros estudos acerca do assunto analisado (GOMES). Nas palavras de Bardin (1977, p.39): %o analista é como um arqueólogo. Trabalha com *vestígios*: os 'documentos' que pode descobrir ou suscitar+.

Produzir inferências é a razão de ser da análise de conteúdo, pois é isto que confere ao procedimento relevância teórica, já que a informação puramente descritiva é de pequeno valor. Necessário, então, a comparação de dados, obtidos mediante discursos e símbolos, com os pressupostos teóricos de diferentes concepções de mundo, de indivíduos e de sociedade (FRANCO, 2008).

Finalmente, a *interpretação* serve para ir além do material. Atribui um grau de significação mais ampla aos conteúdos analisados. Lembrando que para fazer interpretação precisa-se de uma sólida fundamentação teórica do que se está investigando. A boa qualidade de interpretação transparece quando se consegue fazer a síntese entre: as questões da pesquisa; os resultados obtidos a partir da

análise do material coletado, as inferências realizadas e a perspectiva teórica adotada (GOMES, 2008)

2.6. Técnicas de Análise de Conteúdo

Como explicitado na própria conceituação de análise de conteúdo dada por Bardin, existem mais de uma técnica para verificar o conteúdo das mensagens. No presente trabalho serão mostradas, de maneira sintética, seis delas.

As três primeiras são bem sistematizadas por Romeu Gomes (2008), com base na obra de Bardin. A *análise de avaliação ou representacional*: mede as atitudes do autor quanto ao objeto de que fala, verifica a linguagem que usa, seu posicionamento crítico e a intensidade dos juízos selecionados. Em seguida, a *análise de expressão*: pressupõe que há correspondência entre o discurso e as características do autor da mensagem e seu meio. Essa modalidade, enfatiza a necessidade de conhecer os traços pessoais do autor. Por fim, a *análise de enunciação*: serve para analisar entrevistas abertas. Verifica o jogo de palavras, o silêncio, o humor. Nesta não há hipóteses prévias para a análise dos enunciados.

A quarta técnica apresentada é a *análise categorial*: toma em consideração a totalidade do texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência (ou ausência) de itens de sentido. (BARDIN, 1977).

Na obra *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*, a autora Maria Cecília de Souza Minayo (2000) acrescenta a *análise das relações*: no lugar de analisar a simples frequência de aparição de elementos no texto, preocupam-se com as relações que esses elementos mantêm entre si.

Finalmente, a última técnica em destaque é a *análise temática ou categorial*: visa o tema e consiste em descobrir os 'núcleos de sentidos' que compõem a comunicação, cuja frequência de aparição significa alguma coisa para o objetivo da pesquisa (BARDIN, 1977). Análise temática desdobra-se em 3 etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos.

A pré-análise consiste na escolha dos documentos a serem analisados. Faz-se através de *leitura flutuante*, que é o contato exaustivo com o material, deixando-

se impregnar por seu conteúdo; *constituição do corpus*, organização do material que possa formar um conjunto de boas categorias (qualidade de exaustividade; representatividade; homogeneidade e pertinência) e *formulação de hipóteses e objetivos*. Neste último ponto, a autora Maria Minayo diz ser imprescindível ter hipóteses iniciais, pois a realidade não é evidente. Essas hipóteses devem ser flexíveis, a fim de permitir outras hipóteses emergentes. A mesma autora cita P. Henry e S. Moscovici (1968 apud MINAYO, 2000: 210) e Parga Nina (1983 apud MINAYO, 2000: 210), os quais dispensam hipóteses e privilegiam procedimentos exploratórios, em vez de preestabelecidos. Vale dizer que é na pré-análise que se determina a unidade de registro (palavra-chave), unidade de contexto (delimitação do contexto), os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos mais gerais que orientarão a análise (MINAYO, 2000).

Exploração do material surge como segunda etapa da análise temática. Consiste em operação de codificação. Transforma os dados brutos, visando alcançar o núcleo de compreensão do texto.

A última etapa é o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Com isso, permite-se colocar em destaque as informações obtidas. A partir daí o analista propõe inferências e realiza interpretações, baseadas em seu quadro teórico (MINAYO, 2000).

Pode-se vislumbrar que a análise temática é bastante formal e revela suas raízes positivistas, da análise de conteúdo tradicional. Contudo, há variantes no tratamento dos resultados brutos, ganhando significados qualitativos, em lugar de apenas inferências estatísticas, leia-se quantitativas.

3. CONCLUSÃO

Nascida em berço positivista, a análise de conteúdo conseguiu desvencilhar-se da ideia de objetividade e afastamento dos fenômenos. Desta forma, passou a ser muito utilizada para a produção de pesquisas qualitativas, na qual a quantidade é apenas qualidade do que é real. O dado tem que ser traduzido, explicado, pois,

fechado em si, o dado nada revela. A pesquisa qualitativa serve para cruzar as diferentes fontes e dar significado para isso.

Como conjunto de técnicas, essa metodologia parte da mensagem e coloca em papel de destaque o seu autor e o seu contexto, para então, fazer inferências. Nas pesquisas qualitativas em Ciências Sociais Aplicadas, em que não se deve tentar impor um único paradigma, enquadrando todas as pesquisas pelo método científico ditado pelo positivismo tradicional, essa metodologia, utilizando-se de expressão popular para enfatizar o dito, vai como uma luva.

Espera-se que essas considerações iniciais da metodologia em questão tenham introduzido o leitor ao assunto e contribuam para uma reflexão crítica, na qual o pesquisador consiga fazer a interpretação de dados em pesquisa qualitativa.

4. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977. 279 p. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/alasiasantos/analise-de-conteudo-laurence-bardin>> Acesso em 24 abr. 2107.

DESLANDES, S. F. A construção do projeto de pesquisa. In: DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008. 79 p.

GOMES, Romeu. Análise e Interpretação de dados em Pesquisa Qualitativa. In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecilia de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MALDONADO, Carlos Eduardo. Complejidad de los sistemas sociales: un reto para las ciencias sociales. In: OSORIO, Francisco (org). **Epistemologia y ciencias sociales: Ensayos latino-americanos**. Santiago: LOM ediciones, 2014.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7.ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

Recebido em 28/08/2017

Versão corrigida recebida em 10/02/2018

Aceito em 11/07/2018

Publicado online em 31/07/2018